

A contribuição do livro *O médico e o monge* para o dilema entre a ciência e a fé

Precinoti, Igor Barcelos; Lima, Vanderlei de.
O médico e o monge. Diálogos entre a ciência e a fé. Rio Comprido: Benedictus, 2024.

ANA LYDIA SAWAYA, OSB CAM^{*}

Estamos hoje no melhor dos mundos para restabelecer o diálogo entre fé e ciência e criar pontes, e este é o mérito do livro *O Médico e o Monge* cujos autores são o médico Dr. Igor Barcellos Precinoti e o monge eremita de Charles de Foucauld Ir. Vanderlei de Lima. A Igreja deseja ardentemente esse diálogo, como vários de seus documentos das últimas décadas têm mostrado, mas também a ciência. Poucos duvidam que estamos em um momento de extrema necessidade de mudança em todos os âmbitos. O Papa Francisco cunhou o termo *mudança de época*. Assim, a premência da realidade exige que o distanciamento entre a ciência e a fé

seja vencido e as oportunidades para tanto estão à nossa mão mais do que nunca.

A Revista *Nature*, considerada a revista científica mais importante do mundo, publicou, no dia 4 de julho de 2024, um artigo cujo título é: *Neuroscientists must not be afraid to study religion (Os neurocientistas não devem ter medo de estudar a religião)*. Neste artigo, a revista diz que espera que cresçam os protocolos de pesquisa nessa área. Muitas pesquisas têm mostrado que a prática da oração impacta positivamente no perfil de doenças, diminui muito o risco de doenças crônicas e câncer, melhora a qualidade de vida, a estabilidade nos

^{*} Monja beneditina camaldolense. Ex-professora titular de Fisiologia na UNIFESP, coordenadora do grupo de pesquisa Nutrição e Pobreza do Instituto de Estudos Avançados da USP e fundadora do Centro de Recuperação e Educação Nutricional – CREN. Possui doutorado em Nutrição pela Universidade de Cambridge, Inglaterra, e foi cientista visitante no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e na *TUFTS University*. Autora de vários livros. E-mail: al.sawaya@yahoo.com.br

relacionamentos, os escores de felicidade, a longevidade, a produtividade etc. O livro do Dr. Igor e Ir. Vanderlei traz um bom número de referências de publicações científicas a esse respeito.

Assim como a crise da religião, a ciência chegou num impasse com o desenvolvimento de tecnologias altamente poderosas, que não são exatamente boas para a humanidade e as pessoas. Em 2024, um neurocirurgião formado no *Massachusetts Institute of Thecnology* (MIT) dos Estados Unidos, relatou, em um vídeo com milhões de acessos na internet, sua decisão de abandonar tudo e pedir demissão de seu emprego de cirurgião em um dos hospitais mais renomados do mundo. Ele ganhava muito bem, tinha aprendido as técnicas cirúrgicas mais sofisticadas que existem, mas, após poucos anos de exercício da profissão, se deu conta que as suas super-técnicas-cirúrgicas não ajudavam muito as pessoas, pois muitos de seus pacientes voltavam a ficar doentes e aqueles que de fato se curavam tinham outros motivos, como uma boa alimentação, presença de amigos, boa qualidade de vida etc.

A ruptura entre fé e ciência é consequência de posições ideológicas fechadas e autorreferenciais de ambos os lados. Ela nasce com alguns cientistas e filósofos, mas também parte de alguns membros da hierarquia da Igreja preocupados em manter o controle do

conhecimento em suas mãos, como foi o caso de Galileu. Pode-se dizer que a ruptura entre fé e ciência é responsabilidade de alguns que, no passado, clamaram ser os porta-vozes únicos da fé e de outros que clamaram ser os racionais por excelência.

É tão falso esse dilema que podemos afirmar com simplicidade que o método para o conhecimento científico necessita, sobretudo, da fé para avançar. Por exemplo, se um professor afirma: “o pâncreas produz insulina” – qual o método de conhecimento que os alunos estão usando para ter certeza de que o professor está dizendo a verdade? A fé. Os alunos estão, naquele momento, acreditando no que ele diz. E os alunos têm duas razões, muito razoáveis, para acreditar no professor: 1. Ele sabe o que está dizendo, e 2. Não tem nenhum motivo para enganar os alunos. Pode-se dizer mais: qual é o método que as revistas científicas usam para difundir a ciência? A fé! Nenhum editor ou revisor de artigos científicos vai ao laboratório para refazer os experimentos e provar que os resultados estão corretos. As revistas científicas precisam ter fé nos cientistas.

Quando esta ruptura tomou forma no passado? Muitos dizem que foi com Guilherme de Ockham. Ockham é considerado não só o pai da filosofia moderna, por historiadores da filosofia, mas também, o fundador do

método científico. As vicissitudes de Ockham são um exemplo por excelência de como mal-entendidos, superficialidades, falta de conhecimento direto de seu pensamento, falta de leitura dos originais e distanciamento podem dar origem a posições cada vez mais ideológicas.

Ockham foi um teólogo franciscano inglês que viveu entre 1280-1349. Estudou e, muito provavelmente, ensinou em Oxford. Viveu num período extremamente conturbado da Igreja quando haviam dois papas. Por sua infelicidade, foi envolvido pelos seus superiores em uma contenda contra o papa que terminou com a excomunhão de todos os superiores franciscanos e a sua. Importante dizer que a contenda com o papa não foi iniciada por ele, mas pelos seus superiores, em um movimento de inconformismo com a situação da Igreja naquela época, que era bem mais amplo. Seus escritos foram, então, proscritos por muitos séculos e não traduzidos até recentemente, quando seus confrades franciscanos, nos Estados Unidos, a partir de 1950, decidem reabilitá-lo, traduzindo suas obras para o inglês.

Ockham parte da lógica de Aristóteles e afirma a necessidade da experiência para que se possa afirmar uma verdade com segurança. E aqui a palavra *experiência* é chave. Diz ainda que, do ponto de vista humano, uma

verdade jamais pode ser considerada absoluta, mas sempre relativa e contingente à pessoa. É fácil encontrar ressonâncias no pensamento do Papa Francisco...

Entre os pontos mal compreendidos do pensamento de Ockham, há um ponto, porém, que não é considerado com devida profundidade: o seu conceito de *revelação*. Ockham afirma que há um método de conhecimento particular que é a interferência direta de Deus por revelação. Sobre esse aspecto, é interessante a sintonia de Ockham com Tomás Kuhn no seu livro *A estrutura das revoluções científicas* (2013, 12ª edição, editora Perspectiva, São Paulo, pp. 215-216). Kuhn ao descrever como ocorrem muitas das descobertas científicas que mudam os paradigmas de como olhamos o mundo, fala de uma espécie de revelação:

Paradigmas não podem ser corrigidos de forma alguma pela ciência normal. [...] a ciência normal leva, em última análise, apenas ao reconhecimento de anomalias e crises. Essas terminam não por deliberação ou interpretação, mas por meio de um evento relativamente abrupto e não estruturado, semelhante a uma alteração da forma visual. Nesse caso, os cientistas costumam falar em “vendas que caem dos olhos” ou em uma “iluminação repentina” que “inunda” um quebra-cabeça antes

obscuro, possibilitando que seus componentes sejam vistos de uma nova maneira – a qual, pela primeira vez, permite sua solução. Em outras ocasiões, a iluminação relevante vem durante o sonho. Nenhum dos sentidos habituais do termo “interpretação” se ajusta a essas iluminações de intuição através das quais nasce um novo paradigma.

Esta descrição das descobertas científicas que alteram paradigmas anteriores se sobrepõe harmoniosamente ao que Ockham considera o método de conhecimento através da revelação de Deus. Neste caso, poder-se-ia dizer que Deus atua “revelando” a verdade. Deus, muitas vezes, parece “revelar” uma verdade a um cientista, especialmente no fenômeno que Khun chama de ciência extraordinária. Ockham dizia justamente que o conhecimento se dá por meio de demonstração, dedução, experimentação, lógica, mas também por revelação. Einstein fala especialmente disso em alguns dos seus escritos como experiência própria.

De qualquer forma, no tempo conturbado em que viveu Ockham, e por muitos motivos, iniciou-se um isolamento progressivo entre o mundo religioso e o mundo das ciências e da filosofia. Contribuíram a proibição do estudo da teologia nas universidades por parte de não clérigos, a proibição do acesso à Bíblia e ao estudo bíblico, a

concentração do poder sobre o conhecimento das verdades da fé nas mãos da hierarquia da Igreja etc. Enquanto isso, o caminho da investigação científica sobre a realidade natural se expandia, e muitos estudiosos fugiam para países que não eram mais católicos a fim de terem mais liberdade para estudar, como aconteceu com o próprio Descartes ou com o estudo da anatomia em cadáveres; de modo que o mundo dos que estudavam as coisas de Deus e daqueles que estudavam a natureza foi se isolando cada vez mais. Reação e contrarreação passaram a dominar cada vez mais a investigação das verdades sobre a realidade natural e sobrenatural.

A separação desses dois mundos gerou um isolamento que se traduziu em uma separação da linguagem, com uma progressiva incompreensão de termos e palavras, partindo já dos séculos XIII e XIV, como aconteceu com o pensamento de Guilherme de Ockham; gerando incapacidade de diálogo, desconfiança e um medo mútuos, como se pode encontrar em vários documentos da Igreja contra o mundo secularizado.

A filósofa Hannah Arendt, em seu livro *As Origens do Totalitarismo*, publicado em 1951, traz uma grande contribuição para explicar quando uma ruptura e distanciamento acontece entre dois âmbitos da sociedade de que se separam paulatinamente,

gerando incompreensões mútuas até a criação de formas ideológicas de pensamento. Ela diz que as ideologias nascem e crescem a partir do isolamento. Indivíduos isolados e vulneráveis são mais receptivos às doutrinas impostas por aqueles que estão em posição de liderança.

Essas doutrinas não partem e não se baseiam em fatos reais da experiência, mas em uma lógica projetada sempre no futuro. De forma simples e um pouco caricatural, podemos dar dois exemplos: “a ciência resolverá todos os problemas da humanidade”, ou então, “a felicidade só será possível no paraíso e aqui só há um mundo mau”. A fuga para a ideologia acontece, segundo ela, nos momentos de desintegração social ou de indignação e desconfiança. Nesta condição, a ideologia age como propaganda que refaz a realidade, recria a história e torna o outro um inimigo a ser temido.

Nessa condição ideológica, o indivíduo não consegue mais colher a realidade na sua totalidade, mas repete uma doutrina, um discurso, sempre permeado de medo. O isolamento a que se refere Arendt é sobretudo o isolamento de um modo de pensar fechado e separado da realidade e da experiência vivida e exclui a possibilidade de novas experiências. Visa controlar o curso da história e de como esta se deve dar. E repousa sobre pensamentos lógicos desconectados

da realidade. As ideologias, portanto, crescem e se alimentam associadas ao medo de pensar, diz ela, pois o pensar pode desafiar as nossas crenças, o nosso conhecimento de nós mesmos, nos tira aquilo sobre o qual nos apoiamos, aquilo que é caro para nós, aquilo com o qual contamos, que adquirimos para viver no cotidiano. Pensar em profundidade tem o poder de nos desconcertar, diz Arendt. É muito mais fácil repetir doutrinas que permeiam o meio social em que nos fechamos.

Como quebrar o pensamento ideológico? É preciso que existam pessoas para quem a *experiência* é mais determinante do que a ideia. São elas que podem retomar o diálogo entre esses mundos diferentes, através da escuta mútua, do encontro com o outro que não vê o mundo como eu. Só a experiência vivida e afirmada pode nos tirar da condição ideológica. Mas como retomar o diálogo se não há mais uma linguagem comum? De fato, o desafio atual é de linguagem, pois os dois mundos não falam a mesma língua e não se compreendem.

Foi com o objetivo de estabelecer um diálogo e linguagem comuns que os autores do livro *O Médico e o Monge*, escreveram sobre a fé a ciência, de uma forma singela e simples, para o grande público. Eles procuraram trazer informações seja dos

resultados de pesquisas científicas e plenos de maus entendidos. Que como do *Catecismo da Igreja*, abordando abertamente temas espinhosos esta bela iniciativa possa se multiplicar e ampliar.

Resenha recebida em 13/04/2026 e aprovada para publicação em 30/04/2026